

EL CAMINO ES JUNTO: CORPO E POÉTICA DAS RUAS PELO DIREITO AO ABORTO LEGAL NA FOTOGRAFIA DE LUCÍA PRIETO

THE PATH IS TOGETHER: BODY AND POETICS OF THE STREETS FOR LEGAL ABORTION IN THE PHOTOGRAPHY OF LUCÍA PRIETO

ANGIE BIONDI¹

RITA MARIA RADL-PHILIPP²

LUIS ALBERTO FERNÁNDEZ SILVA³

RESUMO

Neste texto, observarmos como imagens de protestos feministas auxiliam na visualização dos pontos de conexão entre pautas políticas tecidos em países da América Latina, a partir de conflitos encampados pelos corpos das mulheres, ao longo de décadas. O texto está organizado em duas partes: a primeira, busca refletir as implicações estéticas do corpo na disputa pelo espaço de cena; a segunda, propõe uma análise da produção artístico-documental que a ativista Lucía Prieto realizou acerca das manifestações feministas pelo aborto legal, na Argentina, em 2018. Ambas compõem um exercício interpretativo de inflexão teórica sobre a análise da composição visual, através da qual Prieto mira as ruas argentinas para captar mudanças sensíveis forjadas pelo levante de corpos pelos direitos sexuais e reprodutivos.

Palavras-chave: Corpo; Feminismo; Fotografia; Direitos sexuais e reprodutivos.

ABSTRACT

In this text, we observe how images of feminist protests help visualize the points of connection between political agendas woven into Latin American countries, stemming from conflicts enacted by women's bodies over decades. The text is organized into two parts: the first seeks to reflect on the aesthetic implications of the body in the struggle for stage space; the second proposes an analysis of the artistic-documentary production that activist Lucía Prieto created about feminist demonstrations for legal abortion in Argentina in 2018. Both comprise an interpretative exercise of theoretical inflection on the analysis of visual composition, through Prieto focuses on the Argentine streets to capture the sensitive changes forged by the uprising of bodies for sexual and reproductive rights.

Keywords: Body; Feminism; Photography; Sexual and reproductive rights.

¹ Pesquisadora em estágio sênior/CNPq na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Realizou pós-doutorado em Artes na Université du Québec à Montréal, Canadá. Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Tem licenciatura em Letras e bacharelado em Comunicação Social. Servidora pública vinculada à Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail: angiebiondina@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0486-1081>

² Professora Catedrática do Departamento de Ciéncia Política e Sociologia, Universidade Santiago de Compostela, na Espanha. Docente do Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil. Doutorado em Filosofia e Ciéncias da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela. Graduada em Pedagogia Social pela Universidade de Berlim, Alemanha. E-mail: ritam.radl@usc.es. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9393-7753>

³ Professor universitário. Doutor em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (SC). Bacharel em Comunicação Social pela Universidade de Oriente (UO) e em Comunicação Audiovisual pela Universidade das Artes (ISA), Cuba. Realizou estância de investigação no departamento de Teoria das Linguagens e Ciéncias da Comunicação da Universitat de València (Espanha) e Pós-doutorado em Género no Programa de Pós-graduação em Género da Universidad Nacional Autonóma de México. E-mail: luisfersilva679@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8318-3428>

O ativismo dos corpos como refiguração estética do espaço comum

Segundo Judith Butler (2021), a violência de gênero molda matrizes de percepção e práticas discursivas que abrangem certa visão da sociedade e do lugar atribuído aos indivíduos que a compõem. Na contramão desse processo, o feminismo, como um agente social efetivo, enquadra a compreensão acerca da violência de gênero não como resultantes de indivíduos ou instituições, apenas, mas como um legado histórico de valores culturais que operam a partir das diferenciações sexuais para reproduzir uma ordem hierárquica que submete sujeitos ao masculino, gerando uma matriz de dominação e poder que se perpetua atravessando todos os segmentos das estruturas sociais.

Assim, as formas de mobilização feminista exercem um papel de contrapoder às bases da violência de gênero, apresentando possibilidades de novos arranjos e articulações aos sujeitos em luta. Para isso, a observação e análise das transformações nos modos de exposição das ações feministas, no espaço público, passa a ser um aspecto de reflexão preponderante, porque sinaliza o direcionamento das movimentações dessas matrizes socioculturais.

Neste texto, buscamos delimitar as ações feministas em torno da reivindicação do aborto como um direito. Observarmos como imagens de protestos feministas auxiliam na visualização dos pontos de conexão entre as pautas políticas tecidos entre os países da América Latina, a partir dos diferentes conflitos encampados pelos corpos das mulheres ao longo de décadas.

O que argumentamos aqui é que as imagens de manifestações feministas não são elaboradas para catalogação documental ou registro histórico do tema, mas para (re)configuração de um signo reconhecível do ativismo atualizado pelo olhar público, trazido como elemento constituinte da experiência social do ativismo no presente. Quando observamos as fotografias de protestos em circulação, na imprensa e nas redes sociais, por exemplo, notamos o quanto está em jogo um modo específico de enquadrar e aferir sentidos e sensibilidades, segundo o tipo de disputa enunciativa vocalizada por grupos político-partidários, religiosos, jurídicos.

Nas ações feministas, pensamos que são as intensidades expressivas, elaboradas através das imagens, que indicam mudanças nas maneiras de afetar espectadores conforme o teor moral e político da agenda. Em acontecimentos ligados a pautas como o aborto legal, seguro e gratuito, a imagem reassume a centralidade das próprias ações rompendo modelos estigmatizadores e deslocando enquadres expressivos. Desse modo, os protestos por direitos reprodutivos enfatizam arranjos performativos dos corpos de meninas, mulheres e sujeitos empenhados na ação como forma extensiva da linguagem de luta, renovando a dimensão estética das imagens de protesto.

Segundo Jacques Rancière (2011, p. 2), “a estética é uma matriz de percepções e discursos que abrange um regime de pensamento, bem como uma visão da sociedade e da história”; ela designa, simultaneamente, uma forma de experiência e um regime representativo. O autor concebe a estética, portanto, não como uma teoria geral da arte que se refere aos seus efeitos sobre a sensibilidade, mas como um regime específico de identificação, isto é, um modo de articulação entre modos de fazer, sentir, ser, existir e como uma maneira de pensar sobre essas relações.

Rancière (2009) argumenta, ainda, que essa dimensão estética da política envolve também a criação de dissenso ou discordância, tornando visível o que foi excluído daquele espaço comum, construído com base em um suposto acordo. Cenas de discordância, de dissenso, então, reve-

lam aqueles “sem parte” tornando possível a criação de comunidades de compartilhamento do sensível que buscam transformar o que é percebido como fixo e imutável.

Dessa forma, a discordância não apenas revela as fissuras e os fragmentos do grande corpo social que se apoia em verdades supostamente legítimas, mas também se aproveita delas para gerar novas configurações do espaço comum, político, trazendo novas formas de ser, fazer, existir e falar para ou sobre a ordem discursiva vigente. Como destaca Salgueiro Marques (2011), a dimensão estética da política não se relaciona meramente à ordem do dito, mas aos elementos extra discursivos que ela mobiliza e que falam das diferentes divisões entre aqueles que podem fazer parte da ordem do discurso e aqueles que permanecem fora do espaço considerado comum.

Nesse sentido, quando observamos parte de uma trajetória audiovisual do ativismo feminista, sobretudo, as produções fotográficas mais recentes sobre as manifestações e protestos em prol do aborto legal, seguro e gratuito, notamos que a produção dessas imagens integra a composição visual da pauta, ou seja, é parte integrante da operação de ressonância entre experiências de violência que atravessam a reivindicação ao aborto, a fim de legitimá-la no campo da luta política. Aos relatos de vítimas servem, ao contrário, relações de solidariedade e força por direitos e reparação através de modos renovados de reivindicar espaço e aparecimento público. As formas corporificadas de protesto (Butler, 2018; Gomes 2017; 2019) reiteram que a transformação do corpo e das emoções é um recurso político atual. A produção de novas práticas visuais e comunicativas nutrem um processo contínuo de disputa de linguagens e estéticas com que se trata o tema do aborto.

Em uma de suas publicações, Butler e Athanasiou (2024, p.30), discutem que, nas imagens de corpos aliançados em ruas e praças, a força da insurgência das mulheres “reinstala sua presença de uma maneira diferente, deslocando performativamente e reconfigurando os contornos do que importa, do que aparece e do que pode ser assumido como a presença inteligível de si mesmo”. Para elas, a mirada sobre os corpos das muitas mulheres que comparecem unidas protestando ou denunciando alguma pauta é sempre um olhar em agenciamento, em ação, uma vez que as pessoas não se juntam para produzir uma aglomeração simplesmente, mas para forjar a presença de um corpo coletivo que expressa uma voz própria formulando novas visibilidades e narrativas. O corpo reconfigurado pelos vínculos promovidos pelos encontros nas ruas, através das ruas, funciona como uma espécie de tecnologia estético política que confronta os mecanismos de opressão e violência acerca das políticas de gênero que ainda moldam a esfera sexual e reprodutiva.

Na pesquisa em andamento, temos observado que as imagens de protestos e manifestações feministas associadas à pauta do aborto legal e seguro não reiteram mais um molde discursivo de isolamento e segregação das pessoas que precisam recorrer a esse tipo de procedimento (Blind review, 2024; Gomes, 2017; Vacarezza, 2024). Ainda que precisem se manter longe do escrutínio público e do assédio de grupos conservadores ou sensacionalistas, meninas e mulheres não estão submetidas ao julgamento público de outrora. Ao contrário, muitas delas usam suas histórias e seus corpos para denunciar as múltiplas violências que sofrem, incluindo a gestação forçada, como uma forma de violência estatal expressa.

Desse modo, o aborto legal passa a ser, cada vez mais, considerado uma pauta importante na discussão pública sobre quem tem a garantia de acesso às políticas de saúde sexual e reprodutiva, porque atinge, majoritariamente, meninas e mulheres latino-americanas que vivem em

situação de penúria e injustiça social. Tal prática perpetrada sentencia esses corpos à punição de uma rememoração constante da experiência violenta que degrada a vida em todas as dimensões física, emocional, afetiva e política.

Bonan *et al.* (2024), destacam que a situação de abortamento de meninas e mulheres no território brasileiro, por exemplo, precisa ser analisada sob o prisma das políticas públicas de saúde e cuidado. Isso porque, durante muitos anos, esse tema foi completamente marginalizado e excluído de qualquer contexto de direitos. No entanto, dar visibilidade às experiências de vida e histórias dessas pessoas abre brechas significativas para enquadrar o abortamento no campo das políticas de implementação de direitos por parte do estado. Revela-se, portanto, um contexto material muito mais amplo e complexo, pois aprofunda a questão da distribuição de riscos e vulnerabilidades conforme os marcadores de gênero aliados aos regionais, de raça, de classe, de etnia, geracional, em interseccionalidade; além disso, forja uma discussão sobre a implementação da justiça reprodutiva, tão necessária e escassa, ainda, no Brasil e demais países do Sul Global. Segundo as autoras, o contexto da criminalização de aborto impacta diretamente a produção de conhecimento sobre o tema.

A noção de justiça reprodutiva tem como premissa que o gozo dos direitos reprodutivos e da autonomia reprodutiva é interditado quando a sexualidade e a reprodução são vividas em situações em que confluem um conjunto de injustiças - econômicas, sociais, políticas -, discriminações e violências - racistas, étnicas, homofóbicas, transfóbicas, sexistas, classistas, entre outras (Bonan *et al.*, 2024, p.3).

Diante desse cenário, as fotografias de manifestações feministas que têm circulado entre as diferentes mídias, na atualidade, buscam retratar modos de vida e subjetividade desses corpos institucionalmente violados para serem (re)posicionados e (re)vistos na esfera pública, instituindo seu próprio espaço de cena qualificável. No presente artigo, sublinhamos que tais fotos ultrapassam um valor de registro ou de catalogação documental propomos analisar um pequeno conjunto de exemplares de uma fotorreportagem elaborada como um tipo de cobertura jornalística e documental (Baeza, 2001; Buitoni, 2011) dos protestos feministas para garantir o aborto legal e seguro como um direito, para serem colocadas em circulação como elementos simbólicos que disputam o repertório político hegemônico da narrativa e da imaginação social sobre o aborto legal, de modo a colocar em cena outros signos codificáveis de luta pelo direito à vida plena das mulheres (Gustafson, 2019; Gomes, 2017; Vacarezza, 2024).

O reconhecimento de que a reivindicação não se aplica apenas a uma, mas a todas as meninas e mulheres latino-americanas faz parte da emergência de uma política de exposição de sujeitas aliançadas ocupando, juntas, o espaço público em uma reivindicação comum que organiza outra cena de aparecimento desses corpos e vidas em precariedade, como afirma Butler (2018, p.34). Segundo a autora, essas cenas de aparecimento que se constituem a partir da exposição à precariedade não buscam reafirmar seu estado, mas partir dele para produzir mudanças nas condições de violência impostas e, assim, transformar a experiência social da injúria que perpassa esses corpos, atualizando-os em outra perspectiva. Por isso, ao se constituírem um corpo coletivo e comum às imagens, meninas e mulheres produziriam uma forma de visualidade desafiadora que desestabiliza realidades e normas, considerando o direito de aparecer em cena como um enquadramento sobre a coligação de pessoas que compartilham a mesma condição de sujeição e apagamento em suas vidas cotidianas.

Os movimentos feministas e de direitos ao aborto legal na região têm investido esforços em denunciar que as mortes e prisões relacionadas são formas extremas de injustiça e violência contra as mulheres. Além de argumentos jurídicos, políticos e científicos, esses movimentos desenvolveram, muito cedo, formas de produção e ação artístico-política com forte impacto visual, chamando a atenção do público para essas questões (Vacarezza, 2024, p.2. Tradução nossa).

Esse aparecimento político comum dialoga, também, com o que Calderón (2020) chama de performatividade das imagens, considerando as “funções que a imagem possui na organização de nossa vida cotidiana, da modelagem de nosso olhar, na configuração do espaço público, tendo em vista o modo como circulam e a economia do visível que opera em sua disposição” (2022, p.11).

Calderón (2020) sustenta que a performatividade das imagens e a disposição insurgente da cena de aparecimento fazem com que a imagem seja um “operador de diferença”, permitindo operações teóricas que vão redefinir a configuração de um problema, o aparecimento de sujeitos políticos - nesse caso, das mulheres e meninas como sujeitos políticos -, e os modos de sua apreensão e consideração. Assim, a performatividade das imagens remete ao processo interativo que ela produz como meio simbólico dessa interação. A realidade social representada não existe independentemente do olhar de espectador(a), mas, a partir dele, a imagem é criada, recriada, construída, desconstruída e reconstruída no mesmo ato da sua representação simbólico-interativa.

Contudo, essas operações não são o resultado da imposição de uma forma sobre uma matéria inerte, materialidades destituídas de agência. Não se trata de afirmar que a matéria da imagem em si pode produzir novas configurações, mas de reconhecer que ela entra, junto a outros elementos, na composição de uma topologia do sensível capaz de alterar previsibilidades e configurações estabilizadas de espaço, tempo e capacidades de agência (Calderón, 2020).

Quando ligadas ao aborto como um problema social, mulheres e meninas passam a ser diretamente afetadas. A imagem é, como explicamos acima, esse elemento simbólico que induz a processos reflexivos, de performatividade dos sujeitos que interagem entre si e com as materialidades pela sua dinâmica comunicativa e interacional.

Da mesma forma, as imagens fotográficas integram processos de relação entre indivíduos e formas, reorganizando e questionando as disposições materiais e alterando as superfícies que envolvem processos formativos das condições de acolhida da alteridade (Calderón, 2020, p.34). Assim, analisamos esse processo a partir das fotografias de Lucía Prieto; ativista, nascida em 1984, em Buenos Aires, cuja produção é caracterizada pela linguagem híbrida, mesclando o documental, o jornalístico e o artístico sempre destacando as movimentações coletivas. Suas fotografias de rua são reconhecidas em âmbito internacional, compondo mostras, exposições, materiais de imprensa, mas, sobretudo veículos de comunicação especializados em pautas feministas.

Conhecida por um estilo de *street photo* ativista, Prieto tem destacado como o espaço público adquire um teor político particular quando animado por protestos e manifestações, de modo que a rua passa a ser um elemento constitutivo da cena ativista. Observamos que, ao mesmo tempo em que as ações em torno do aborto legal, seguro e gratuito foram construídas como uma pauta relevante na agenda dos direitos sexuais e reprodutivos, na Argentina, as fotos de suas reivindicações e protestos constituíram uma imagem atualizada da luta feminista que se expandiu pelo território latino-americano. O uso dos *pañuelos verdes*, por exemplo, represen-

tando um ícone da luta pelo aborto legal e seguro na região é frequente nas ações e nas fotos reiterando a marcação de signos visuais como codificadores de enunciados.

Juntas pelas ruas: a narrativa política na fotografia de Lucía Prieto

Em 10 de agosto de 2018, a Revista Anfíbia, publicação argentina feminista, dedicou seu número à crítica da votação do Senado contra a legalização do aborto legal, seguro e gratuito no país. Na época, as manifestações em favor do aborto já eram recorrentes na Argentina e, a cada nova votação, a presença massiva de mulheres nas ruas contava como um fator decisivo de pressão aos parlamentares.

Na edição, o texto de reportagem é assinado pela professora e pesquisadora Verónica Gago (2020), acompanhado por sete fotografias assinadas por Lucía Prieto, compondo um pequeno ensaio artístico-documental sobre as recorrentes manifestações de rua realizadas em diferentes cidades argentinas, entre outubro de 2016 e março de 2018. Vistas em contínuo, no jogo da montagem entre textos, a disposição das imagens não ilustra as informações, mas oferece uma nova camada à leitura, acentuando expressividade e sensibilidade aos momentos registrados. As fotos, no entanto, não se valem apenas pelo registro, mas nutrem uma dinâmica de ocupação feminista que se traduz em ações coordenadas e articuladas entre uma agenda comum e uma força que se experimenta corporal nos espaços conflituosos de rua. Da pequena série da reportagem, destacamos, neste texto, duas fotos que nos parecem emblemáticas. Logo na abertura, Figura 1, a primeira grande foto ocupa toda a porção superior da tela, seguida do título e da legenda.

Figura 1



Fonte: Lucía Prieto, 2018. Disponível em <https://www.revistaanfibio.com/nos-tienen-miedo/>
Acesso em 13 agosto 2025.

Como uma declaração inicial do protesto, a imagem é realizada em câmera alta, em um ângulo *plongée*, colocando, em foco, os rostos pintados de verde e roxo e o lenço verde, o *pañuelo* - símbolo da pauta - envolto aos pescoços de um grupo de mulheres unidas no protesto. De início, o olhar da câmera, mesmo que posicionado acima das cabeças, não parece minimizar a junção das mulheres, mas vai tornando-a mais indiscriminada conforme avançamos ao segundo plano, ao fundo da imagem. Assim, mesmo vistas de cima para baixo, notamos que o ângulo e o plano funcionam para que o olhar busque a relação entre os rostos desfocados do plano anterior e os rostos destacados do plano posterior, mais próximo ao olhar.

Esse jogo entre angulação e plano produz um efeito de “vai e vem” dos olhos em relação aos rostos das mulheres que, mesmo diferentes, replicam as semelhanças em sua proximidade. Todas elas foram captadas no momento de uma entoação de grito festivo ou mesmo de uma canção que faz com que sejam vistas com as bocas abertas, sorrindo, em uma nítida expressão coletiva de alegria e festividade. O sentido de união que vemos não ocorre pela aglomeração de pessoas diferentes em um mesmo espaço, mas pela sensação de efervescência e vivacidade que parece ir se alastrando em cada rosto conforme avançamos os planos pelo olhar.

Pelas fotos, também notamos que há certa jovialidade e um aspecto de alegria nesse tipo de convivialidade efêmera advinda dos encontros nas ruas. Pesquisadoras como Gomes (2017) e Vacarezza (2024), têm assinalado a importância de compreender o papel das sensibilidades e emoções nos protestos feministas. Para elas, a reformulação da presença dos corpos de mulheres nos espaços públicos ativa outro processo de apropriação desses locais que, historicamente, representavam interdição, medo, insegurança, ameaça e, portanto, relacionados às emoções opressivas e/ou depressivas. Contrariamente, hoje as ações públicas feministas buscam desmobilizar essa relação recompondo a presença dos corpos por afetos e sensibilidades diferenciadas. Assim, uma caminhada, uma marcha, uma passeata, cada qual apresenta um conjunto de gestos, cores, movimentos e ritmos através do qual se empenham corpos aliançados para atuar por outra linguagem performativa, também política.

Assim como os discursos e as práticas corporais, a chave emocional de um protesto não é casual, mas resultado de um trabalho de seleção e modulação de um repertório afetivo como algo central para manejar as intensidades expressivas das ações feministas (Gomes, 2017, p. 234).

O texto destaca, enfim, que o protesto contou com muitas caravanas de mulheres provenientes das cidades do interior do país e que foram registradas em uma participação massiva nas ruas de Buenos Aires, mesmo em um dia de frio e chuva.

Nas fotos subsequentes que compõem a edição, observamos que Prieto passa a destacar o *close up* nos retratos e o ângulo contra *plongée* para demarcar uma relação de proximidade e encontro com as mulheres em destaque. Nas fotografias da reportagem, o que se destacam são os traços singulares dessas mulheres expressos nas particularidades de um modo de sorrir, de um olhar discreto, de um toque de mão ou de uma contração do rosto que faz a língua saltar da boca enquanto grita, como na Figura 2.

Figura 2



Fonte: Lucía Prieto, 2018. Disponível em <https://www.revistaanfibio.com/nos-tienen-miedo/>. Acesso em 13 agosto 2025.

Ao deslizar o olhar pelas fotos, de cima para baixo, nos damos conta de que Prieto monta uma espécie de pequena série narrativa de rostos distintos que exprime as diferenças que unem tantas pessoas em prol de uma mesma pauta. Ainda que, nas fotos dessa reportagem, haja predominância de um tipo físico semelhante de mulheres, o trabalho de Prieto não se reduz a um estereótipo de gênero, sobretudo se observarmos outras produções ligadas às questões socioambientais da região. Neste ensaio, contudo, destaca-se um perfil jovem, branco, urbano e de classe média que não pode ser necessariamente assumido em reduções imediatistas, mas observado como mais um grupo comumente visto em grandes cidades ou capitais; seja Buenos Aires, São Paulo, Bogotá. Em nossa perspectiva, sublinhamos ainda mais esse aspecto da integração coletiva das diferentes mulheres elaborado através das imagens de manifestações, a fim de ressaltar como as singularidades não são subsumidas quando associadas ao corpo coletivo em luta. Assim, diante do *corpus* empírico aqui observado, optamos por utilizar o termo mulher ou meninas indistintamente, porém, atentas para a importância das diferentes identidades de gênero que conforma as manifestações e os próprios grupos coletivos feministas.

Na relação com o texto da reportagem entendemos que as decisões legislativas acerca da legalização pelo aborto legal, seguro e gratuito, naquele país, marcam a vida e o futuro de todas e cada uma dessas meninas e mulheres. Ao final, na última foto, prevalece a mão fêmea, indistinta, que simboliza a força do coletivo, segurando e elevando o bastão de fumaça verde, típico do protesto feminista.

Nas fotografias de Lucía Prieto, observamos a proposição de negociações entre valores e sensibilidades que visa compor um quadro legítimo de luta e reconhecimento pelos direitos sexuais e reprodutivos capaz de tensionar a imaginação social cotidiana.

A partir da reflexão desenvolvida por Calderón (2020; 2022; 2023), compreendemos que a imagem associa operações de disposição, de deslocamento e de interrupção da maneira usual como o regime de visibilidade neoliberal reafirma hierarquias e desigualdades nos modos de aparecimento dos sujeitos e de suas formas de vida. Desse modo, buscamos evidenciar a forma como as imagens fotográficas funcionam para produzir arranjos e intervalos narrativos que reorganizam as relações entre sujeitos, de modo a desestabilizar as redes conceituais que dão legibilidade e inteligibilidade ao que vemos (Calderón, 2020).

"Porque conocemos ese método de rebajarnos y desconocernos y porque contra eso hemos construido ese grito común que dice 'ahora que sí nos ven' no vamos a permitir que nos invisibilicen otra vez. De la garganta, de repetir ese grito convencidas, también viene nuestra furia", destaca a reportagem da Revista Anfíbia. Ao fotografar as manifestações de rua, Prieto põe em cena a união dos corpos das mulheres ocupando o espaço público para que sua voz coletiva seja ouvida, para que seu encontro seja visto e que recobre um valor político social às memórias de lutas pelo aborto como um direito ao próprio corpo. Trata-se de outro modo de narrar a demanda comum pelos direitos sexuais e reprodutivos.

Assim, o trabalho das imagens em Prieto não é traduzir o sensível em um sentido que possa ser entendido racionalmente, mas preservá-lo em sua potência imaginativa e narrativa, de modo a sequenciar outra forma de ver, outra maneira de contar acerca da ação feminista pelo aborto legal e seguro. E essa outra forma afeta, envolve as espectadoras e espectadores das imagens, induzem a repensar ou reelaborar aspectos da narrativa existente usual da realidade (BLIND REVIEW, 2024). Nesse caso, a relação entre imagem e corpo requer a criação de uma zona de indeterminação e de jogo entre operações que desorganizam o que está dado, interferindo simbolicamente e, materialmente, na composição de outras maneiras de experimentar o tempo, o espaço, os objetos, os corpos e as memórias.

Referências

- BAEZA, P. **Por una función crítica de la Fotografía de Prensa**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2001.
- BONAN, C. et al. Itinerários de cuidado à saúde de mulheres em situações de abortamento: aspectos metodológicos do estudo qualitativo da pesquisa Nascer no Brasil II. **Cadernos de Saúde Pública**. 40 (4), 2024. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/s7hgQjbPZXrmWqQyMztqCTR/?format=html&lang=pt> Acesso em 08 novembro 2025.
- BIONDI, Angie; RADL-PHILIPP, R. M. Nem presa, nem morta: visualidades do ativismo feminista como carrossel de telas no Instagram. **Comunicação, Midia e Consumo** (ONLINE), v. 21, p. 391-415, 2024.
- BUTONI, D. **Fotografia e jornalismo**: a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. **Vida precária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BUTLER, J.; ATHANASIOU, A. **Despossessão**: o performativo na política. São Paulo: Unesp, 2024.
- CALDERÓN, A. S. **La performatividad de las imágenes**. Madrid: Ediciones Metales Pesados, 2020.
- CALDERÓN, A. S. **Imágenes que resisten**. Ayuntamiento de Barcelona: Instituto de Cultura La Virreina, 2023.
- CALDERÓN, A. S. **Imaginación Material**. Santiago de Chile: Ediciones Metales Pesados, 2022.
- GAGO, V. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

GOMES, C. C. Corpo e emoção no protesto feminista: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 231-255, 2017.

GOMES, C. C. Imágenes, afectos y narrativas de aborto: un relato del I Simposio de Arte, Política y Feminismo en Córdoba. Etcétera - **Revista del área de Ciencias Sociales del Ciffyh**, v. 5, p. 1-10, 2019. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9139082> Acesso em: 19 ago. 2024.

GUSTAFSON, J. **Jornalistas e feministas**. A construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2019.

JELIN, E. **La lucha por el pasado**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2024.

JELIN, E. **Las tramas del tiempo**. Familia, género, memorias, derechos y movimientos Sociales. In: CATELA, L. Da S.; CERRUTI, M.; PEREYRA, S. (Orgs.). Elizabeth Jelin. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

RADL PHILIPP, RITA M. Novos meios tecnológicos da comunicação, gênero e a função ideologicamente regressiva da mídia. In: LUCI MARA BERTONI, LUCIANA CRISTINA SALVATTI COUTINHO, RÉGIS HENRIQUE DOS REIS SILVA (Orgs.). **Ciência, educação e lutas de classes**: desafios e perspectivas de resistência. Minas Gerais Uberlândia: Navegando Publicações, p. 245-262, 2024.

RANCIÈRE, J. **El reparto de lo sensible**. Estética y Política. Santiago de Chile: LOM ediciones, 2009.

RANCIÈRE, J. **O que significa estética**. Ymago Project. 2011.

SALGUEIRO, Â. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **Revista Galáxia**, 22, p. 25 – 39. 2011. São Paulo. <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7047>

VACAREZZA, N. Affects, mourning and justice in visual productions about women's incarceration and deaths for abortion in Latin America. In: **Anais** do 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero 11. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, p.1-11, 2024.